

A migração nordestina para São Paulo desde 1940: entre expectativas e realidades

Ryan de Freitas Miranda¹
(Orientador: Emerson Zoppei²)

Resumo: O artigo analisa o processo migratório nordestino para o estado de São Paulo, com enfoque em compreender os objetivos dos migrantes. Para isso, foram utilizados relatos de migrantes, dados estatísticos e produções acadêmicas sobre o tema. Notou-se que a principal expectativa era conquistar melhores condições de vida e de emprego. No entanto, embora a análise tenha permitido identificar padrões nas realidades enfrentadas em São Paulo, não foi possível chegar a uma conclusão única sobre a realização desses objetivos, devido à forte limitação da amostra e à multiplicidade de casos.

Palavras Chave: Migração nordestina; Indústria da seca; Nordestinos em São Paulo; Redes migratórias brasileiras; Migração em massa.

Abstract: The article analyzes the migration of Northeastern Brazilians to the state of São Paulo, focusing on understanding the migrants' objectives. For this purpose, migrants' reports, statistical data, and academic articles about the topic were used. It was evident that the main expectation was to attain better living conditions and job opportunities. However, although the analysis allowed the identification of patterns in the conditions faced in São Paulo, it was not possible to reach a single conclusion about the complete realization of these objectives, due to the sample limitations and the multiplicity of cases.

Keywords: Brazilian migration; Northeast Brazil; Northeastern Brazilians; Regional inequality; Immigrants in São Paulo

Introdução

A migração nordestina para o estado de São Paulo foi marcante no século XX. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais de 5 milhões de nordestinos migraram para São Paulo desde o começo desse processo em massa, que ocorreu por volta de 1940 (Censo, 1980). As motivações foram inúmeras, destacando-se as péssimas condições socioeconômicas na região Nordeste. Naturalmente, esse êxodo ocorre graças às expectativas de melhores condições de vida.

Contudo, a chegada e a estabilização na nova localização foram comumente descritas como extremamente árduas e esta pesquisa – com amostra muitíssimo limitada – pretende meramente apontar fatores que talvez possam contribuir para o entendimento desse movimento migratório e, principalmente, visibilizar as condições e situações vivenciadas pelos migrantes nordestinos. Este trabalho pretende também ajudar a compreender a construção e desenvolvimento do estado paulista pela inserção da população do Nordeste brasileiro em seu território.

¹ Estudante do 3º. ano do Ensino Médio da Beacon School.

² Emerson Zoppei graduou-se em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo em 1999. É mestre e doutor em Educação, com foco em Estado, Sociedade e Educação, também pela Universidade de São Paulo, concluindo em 2004 e 2015, respectivamente.

Será realizada uma análise da trajetória dos migrantes: as motivações para migrar, expectativas, a chegada em São Paulo e a possível realização das expectativas. Para tanto, serão utilizados dados estatísticos, visando caracterizar a dinâmica mais ampla desse fenômeno; artigos científicos que exploraram as causas e consequências desse processo migratório e relatos de migrantes nordestinos, permitindo uma visão mais específica e individualizada sobre o tópico de pesquisa.

Objetivos

Dentro das limitações referidas, este artigo visa compreender se as expectativas dos nordestinos em relação ao processo migratório para São Paulo, desde a década de 40 e, em uma mínima amostra, se foram atendidas. Inicialmente, busca-se entender as condições no Nordeste brasileiro durante o período em que se iniciou a migração em massa e compreender quais eram os objetivos dos nordestinos ao migrarem para São Paulo. Especificamente, embora possam existir inúmeras expectativas, pretende-se apontar padrões que permitam elencar as motivações mais comuns.

Em seguida, analisa-se como ocorria a transição geográfica, abordando tópicos como meios de transporte e condições de viagem, com o objetivo de demonstrar a severidade desse processo. Posteriormente, busca-se analisar o período inicial vivido pelos migrantes em São Paulo, a subsequente estabilização e a luta por conseguir atingir suas expectativas.

Metodologia

A fim de obter uma visão ampla sobre a migração nordestina, diversos parâmetros serão utilizados. Primeiramente, serão selecionados, aleatoriamente, três relatos de nordestinos migrantes presentes no Museu da Pessoa, a partir das seguintes palavras-chave: ‘migração nordestina’, ‘migrante nordestino’ e ‘nordeste em São Paulo’. Além disso, relatos presentes no artigo de Britto e Ramão (2021) também serão considerados, principalmente para compreender mais sobre as situações vividas pelos migrantes no estado de São Paulo. Todas essas narrativas serão analisadas e, apenas as informações pertinentes à temática serão utilizadas.

Para possibilitar comparações entre os relatos selecionados, as informações extraídas serão condensadas em tabelas, categorizadas de acordo com tópicos relevantes para a discussão.

Ademais, para contextualizar os relatos no panorama geral das migrações nordestinas, serão utilizados dois artigos principais: Ferrari (2005) e Gomes (2006).

Identificação de fontes

**Meu Deus, que é de nós / Assim fala o pobre
Do seco nordeste / Com medo da peste
Da fome feroz / (Ai, ai, ai, ai)**

[3]

Antônio Calado (1960) propõe que o clima árido no Nordeste não explica totalmente as motivações das migrações. O autor apresenta a chamada Indústria da

³Os trechos de canções utilizados nessas páginas foram produzidas por Luiz Gonzaga. A produção foi publicada em 1964 e foi nominada “Triste Partida”. Essa composição foi dividida em trechos que ilustram as diferentes etapas da trajetória migratória e serão utilizadas ao longo de toda a identificação das fontes.

Seca, apontando que a matriz dos problemas atrelados à seca, como a miséria e fome, são resultados de aspectos políticos e socioeconômicos que expulsam os nordestinos da região.

Ademais, sobre as causas da migração, Ferrari (2005) diz:

1. “O trabalhador abandona a zona rural quando percebe que não pode melhorar de vida, isto é, que a sua miséria é uma condição permanente.”
2. “As populações que vivem nas áreas menos favorecidas do país, ou seja, nas regiões economicamente mais atrasadas, buscam, através do deslocamento geográfico, oportunidades de melhoria de vida.”
3. “A criação das desigualdades regionais, no Brasil, pode ser encarada como motor principal das migrações internas que acompanham a industrialização, nos moldes capitalistas”

A Tabela 1, abaixo, mostra os emigrantes dos estados nordestinos nos anos de 1940, 1950 e 1970; nota-se uma crescente ao longo dos anos, mais expressiva entre as décadas de 50 e 70.

Tabela 1. Naturais ausentes segundo o estado de nascimento (1940-1970)

Estado	1940	1950	1970	Ausentes em 1970
Alagoas	52.800	100.900	327.100	8,6
Bahia	305.700	397.300	1.266.100	33,4
Ceará	102.700	126.800	433.800	11,4
Maranhão	61.400	78.800	226.200	6,0
Paraíba	27.000	52.400	344.200	9,1
Pernambuco	79.000	141.500	690.000	18,2
Piauí	19.300	28.200	124.100	3,3
Rio Grande do Norte	29.600	42.600	181.400	4,8
Sergipe	32.900	56.200	202.300	5,3
Nordeste	710.400	1.024.700	3.795.100	100

Fonte IBGE. Extraído de Melo e Fusco (2019).

A Tabela 2, abaixo, apresenta informações básicas de 10 nordestinos migrantes, demonstrando as distintas condições e motivações para nordestinos migrarem.

Tabela 2. Resumo das informações de nordestinos migrantes extraído dos relatos
Extraído de: Museu da Pessoa; Britto e Ramão (2021)

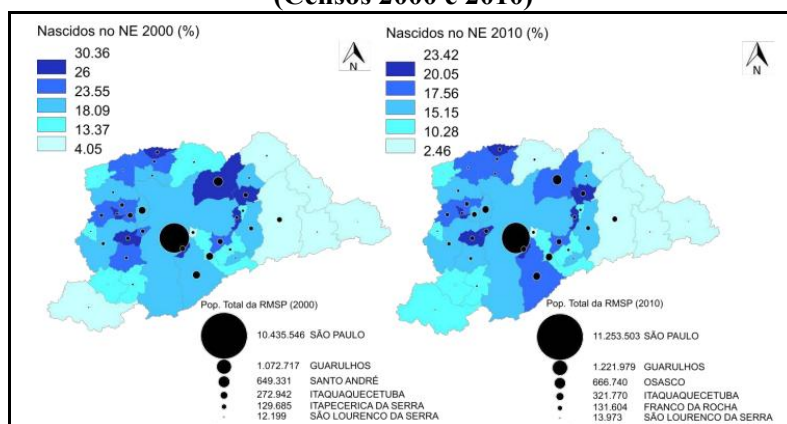
Nome	Ano de nascimento	Estado de Origem	Condições pré migração	Motivação para migração	Local da migração
José Gomes	1946	Paraíba	A família dependia de doação de alimentos para sobreviver	Desejo de melhores condições de vida prometidas pelo pai e tio que já estavam em São Paulo	Mooca
Paulo Simões	1963	Bahia	Morava com a avó, que não tinha emprego e vivia grave situação financeira na região urbana	Sem motivação. Teve que ir com a avó, que buscava emprego	Vila Matilde
Eronides Ferreira	1923	Pernambuco	Vivia com a família no campo com condições intermediárias, sem muitas necessidades	Conseguir um emprego e uma melhor moradia	Tatuapé
Cloves e Josete	1968 1972	Pernambuco	Baixos salários, falta de moradia própria e filha para nascer	Conseguir condições de vida melhores para a filha	Paraisópolis
Lucicleide Nunes	1977	Ceará	x	Sem motivação. Foi mandada pela família para cuidar da sobrinha em São Paulo	Jaraguá
José Xavier	1958	Sergipe	Vida precária	Conseguir um emprego	São Miguel Paulista
Adalberto Dias	1964	Piauí	x	Sem motivação. Foi buscado junto com a mãe e irmãos pelo pai	São Miguel Paulista
Francisco Pereira	1958	Bahia	Vida estabilizada com emprego na UFBA	Conseguir um emprego	Brazilândia
Maria Venâncio	1963	Paraíba	x	Conseguir um emprego	Jardim Ângela
Ana Ferreira	1966	Rio Grande do Norte	Condições intermediárias, mas muita violência familiar	Fugir da violência dos membros familiares para maior segurança	Jaraguá

**Eu vendo meu burro / Meu jegue e o cavalo
Nós vamo' a São Paulo / Viver ou morrer**

[2]

Os migrantes se concentraram majoritariamente no centro geográfico de São Paulo, tendo um aumento entre 2000 e 2010 nessa porção. Osasco e Franco da Rocha aparecem com grande concentração em 2010 e a capital paulista manteve-se como o principal destino.

Mapa 1. Concentrações gerais dos migrantes nordestinos residentes na RMSP (Censos 2000 e 2010)



Fonte IBGE. Extraído de Melo e Fusco (2019).

A autora Gomes (2006) aponta as condições enfrentadas pelos migrantes em São Paulo:

1. “Os nordestinos, na maior parte, residem nos centros deteriorados, nos cortiços, nas diversas favelas da metrópole, por serem estas alternativas de moradia barata.”
2. “Esse grupo forma o denominado exército industrial de reserva, que é um excedente de mão-de-obra, mantendo os salários baixos, devido ao excesso de contingente.”
3. “Os migrantes nordestinos residem nas periferias em razão dos preços baixos dos terrenos, em loteamentos clandestinos e em áreas de risco e insalubres, e nos conjuntos habitacionais.”

**Do mundo afastado / Ali vive preso
Sofrendo desprezo / Devendo ao patrão
(Meu Deus, meu Deus)**

**Faz pena o nortista / Tão forte, tão bravo
Viver como escravo / No norte e no sul
(Ai, ai, ai, ai)**

[2]

Tabela 3. Resumo das informações de empregabilidade e realização dos objetivos dos 10 nordestinos migrantes Extraído de: Museu da Pessoa; Britto e Ramão (2021)

Nome	Primeiro emprego	Último Emprego	Situação Inicial	Situação Atual	Realizou o objetivo?
José Gomes	Ajudante de alfaiate	Ferramenteiro	A pobreza persistia	Muito endividado	Parcialmente
Paulo Simões	Office-Boy	Museólogo	Tudo muito precário; mínimo para sobreviver	Pouca mobilidade por conta do trabalho árduo, mas feliz e bem	Não tinha objetivo
Eronides Ferreira	Transportador de materiais	Pedreiro	Muita dificuldade para encontrar emprego e lugar para morar	Não tem mais vontade de fazer nada e sente muitas dores pelo trabalho	Majoritariamente
Cloves e Josete	Porteiro Dona de casa	Porteiro Dona de Casa	Muita dificuldade, viram que a fatura não sobrava como diziam	Moram em um barraco de madeira e conseguiram formar as filhas, após estudarem em escolas particulares	Totalmente
Lucicleide Nunes	Cuidadora de criança	Microempresária	Morou com a irmã e logo conseguiu emprego	Muito feliz e com sonhos realizados	Não tinha objetivo
José Xavier	Copeiro	Garçom	Precária. Tinha só um par de sapatos e pouca roupa	Conquistando a casa própria e emprego dos sonhos, está realizado	Totalmente
Adalberto Dias	Professor de história	Professor de história	Estabilizada. Desde o início conseguiu estudar	Continua dando aulas e lutando por melhorias para seu bairro	Não tinha objetivo
Francisco Pereira	Pintor geral	Pintor geral	Teve que se virar com vários bicos e uma vida simples	Trabalha de forma independente e está feliz com a situação atual	Totalmente
Maria Venâncio	Acompanhante de van escolar e faxineira	Acompanhante de van escolar e faxineira	Trabalhava 14 horas por dia e morava na casa de uma amiga	Embora tenha conquistado a casa própria, visa voltar para Paraíba	Majoritariamente
Ana Ferreira	Dona de casa	Secretária parlamentar	Certa estabilidade financeira, mas muita violência em casa	Conseguiu formar todos os filhos em universidades públicas e mora em uma casa ainda inacabada	Totalmente

Os relatos, a seguir, resumem a trajetória de três nordestinos. Os trechos seguem o roteiro: razões para a migração, mudança para São Paulo e estabilização.

Tabela 4. Relatos de migrantes nordestinos⁴

Relatos de João Gomes de Souza Filho, Paraíba. Migrou para São Paulo em 1952
“...eu e meu irmão ia na feira [e] lá conseguia ganhar um pedaço de carne, um pouco de farinha. A gente ia pedir lá. As pessoas ficavam com dó.”
“Hoje talvez exista ainda, mas hoje os cortiços são de alvenaria, tijolo. Naquele tempo não, era barraco de madeira mesmo, e foi num desses que a gente morou. Em

⁴ Os relatos foram extraídos do site do Museu da Pessoa, que apresenta entrevistas em vídeo.

duas casas a gente morou assim, em barraco.”
“Eu entrei na alfaiataria, estava aprendendo, trabalhava e gostava demais. Era um negócio que eu gostava. Eu entrei lá.”
“...as dívidas que eu tenho, que não me deixam dormir de noite. Não são muitas dívidas, são diversas, com 1500 reais eu zerava tudo.”
<i>Entrevistado por: Rosali Henrique e Karen Worcman (Museu da Pessoa, 1999)</i>
Relatos de Paulo Simões de Almeida Pina, Bahia. Migrou para São Paulo por volta de 1970
“..Tudo era muito precário. No início... É uma coisa hoje que é meio absurda de se falar. Por exemplo, o banheiro. Havia um banheiro que era para ser dividido entre duas casas.”
“Aí eu fui trabalhar como Office-boy, na época. O lugar de trabalho era na Barão de Itapetininga, esquina com a Praça da República. Foi lá meu primeiro emprego.”
“Nesse primeiro ano de faculdade, não trabalhei. Dos dezessete aos dezoito, eu não trabalhei. Eu fui morar no CRUSP, na moradia estudantil da USP.”
<i>Entrevistado por: Rosana Miziara (Museu da Pessoa, 2011)</i>
Relatos de Eronides Ferreira da Silva, Pernambuco. Migrou para São Paulo por volta de 1944
“Trabalhava na enxada, no mato. Ele [pai], nós, eu e os outros irmãos. A gente não tinha outro meio de trabalhar, lugar pobre não tem nada. Era gostoso, a gente vivia uma vidinha de pobre, mas era uma vida mais ou menos.”
“A gente fazia uma vida desgraçada lá também, trabalhando direto, dia e noite. Ficava virado, ficando dois dias sem ir em casa, não podia sair...”
“A gente trabalhava tudo contente. Ganhava pouco — não ganhava nada —, mas trabalhava. Eu trabalhei muito na Paes de Barros e a gente sempre naquela luta, porque se não trabalhasse, já viu: era rua na certa.”
“Nada. Não tenho mais vontade de fazer mais nada. Pra mim, a coisa mais gostosa que tem é estar na cama deitado, só. A minha filha fala: “Pai, levanta, vê se anda um pouco”. Não dá pra andar.”
<i>Entrevistado por: Monique Lordelo e Raul Varela (Museu da Pessoa, 2012)</i>

A Tabela 5 mostra que houve um aumento de nordestinos com acesso à educação entre 2000 e 2010; mais migrantes deixaram de ter apenas o ensino fundamental. Já a Tabela 6 mostra uma diminuição significativa de migrantes recebendo até 1 salário mínimo e um aumento na maior parte dos salários altos.

Tabela 5 – Nível de instrução dos migrantes nordestinos residentes na RMSP, segundo os Censos de 2000 e 2010.

Nível de Instrução	Censo 2000	Censo 2010
Ensino Fundamental	76,6	66,1
Ensino Médio	20,4	28,2
Ensino Superior	2,7	3,8
Superior - mestrado ou doutorado	0,1	0,2
Alfabetização de adultos	0,2	1,7
Total	100,0	100,0

Fonte IBGE. Extraído de Melo e Fusco (2019).

Tabela 6. Rendimento total (salário mínimo) dos migrantes nordestinos residentes na RMSP. Segundo os Censos de 2000 e 2010

Rendimento total (salário mínimo)	2000 (%)	2010 (%)
Até 1 salário mínimo	21,1	3,1
Mais que 1 até 3 salários mínimos	64,6	54,6
Mais que 3 até 6 salários mínimos	10,1	31,0
Mais que 6 até 10 salários mínimos	2,5	6,8
Mais que 10 até 15 salários mínimos	1,0	2,6
Mais que 15 salários mínimos	0,8	1,9
Total	100	100

Fonte IBGE. Extraído de Melo e Fusco (2019).

Avaliação de fontes

Identifica-se uma certa carência de materiais e estudos sobre esse tópico entre as décadas de 1940 e 1970, portanto, dados mais recentes foram utilizados para contornar essa limitação. Eles foram extraídos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e dos Censos Demográficos de 1950, 2000 e 2010.

Os artigos que foram citados foram escritos por renomadas pesquisadoras. Sueli Gomes (2006), especialista em migrações e Monia Ferrari (2005), especialista em sociologia histórica. Entretanto, ambos os artigos apresentam limitações por abordar a migração com escopos específicos: comércio de retalhos e contexto político do governo Vargas. Seria necessário incluir outras pesquisas para essa investigação.

O Museu da Pessoa, fundado em 1991, preserva histórias e está inserido na Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo. Utilizando a história oral, guiada por entrevistadores e apoiada por redatores e revisores, a metodologia construída é referência para pesquisadores. Entretanto, por se tratar de histórias guiadas por entrevistas de terceiros, nem sempre se abordava o tópico da pesquisa, daí sua limitação para este trabalho.

Por fim, a Agência Mural, organizadora do artigo (Britto; Ramão, 2021) produz matérias jornalísticas desde 2010. Os autores do artigo, Léu Britto e Ira Romão, são renomados jornalistas. As histórias foram coletadas de entrevistas sobre a

trajetória migratória, aumentando a confiabilidade dos relatos. Entretanto, os relatos são extremamente breves, dificultando um aprofundamento maior.

Análise

Motivações para a migração

A obra *Morte e Vida Severina* (Melo Neto, 1955), mostra como a vida torna-se quase irrealizável na seca no Nordeste. Essa condição é explicada pelo relevo da região (Planalto de Borborema), que impede que as precipitações cheguem ao interior do Nordeste a partir do litoral. No entanto, o clima não explica totalmente a pobreza. O fenômeno que realmente impulsiona a miséria e fome é a “indústria da seca”, marcada pela negligência do Estado no Nordeste (Callado, 1960). Logo, a falta de gestão e planejamento público para fornecer água à população nordestina formou a raiz dos problemas socioeconômicos do Nordeste (Júnior, 2012).

**Que braseiro, que fornaia'
Nenhum pé de prantação'
Por farta' d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão
(Gonzaga, 1947)**

5

Figura 1. Obra retirantes (Portinari, 1944)



6

A partir de 1950, São Paulo se tornou um destino comum para nordestinos (Tabela 1). O estado apresentava muitas oportunidades de emprego devido ao desenvolvimento industrial e à expansão urbana (Ferrari 2005). Como Cloves diz: “Esse negócio do nordestino é de praxe, lá quando o bicho pega o destino é São Paulo ou Rio de Janeiro...” (Britto; Ramão; Talarico, 2019). Essa influência da empregabilidade no deslocamento geográfico se enquadra na Teoria da Mobilidade do Trabalho (Gaudemar, 1978). O autor aponta que o modelo econômico capitalista de desenvolve a partir do deslocamento espacial, permitindo a concentração de mão-de-

⁵ Todos os trechos identificados em amarelo fazem parte da canção “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga, feita em 1947.

⁶ Fonte: (Portinari, 1944). Retirantes. Uma família nordestina de aspecto esquelético, que vive em uma área árida, tenta fugir da morte (representada pelos corvos).

obra de baixa remuneração. Dessa forma, a alta quantidade de oportunidades de emprego na terra paulista, e a escassez no Nordeste, causa uma migração quase que forçada. O Nordeste se tornou, assim, um polo que expulsa seus moradores. Portanto, a história desses migrantes se conecta na motivação para migrar - melhorar de vida (Durham, 1984).

As precárias condições no Nordeste aparecem em vários relatos, como nos de João Gomes: além de depender da doação de alimentos para sobreviver, (Tabela 4), quando ia nas feiras, esporadicamente, ele e seus irmãos pegavam alimentos escondidos na vizinhança, demonstrando como a extrema pobreza emerge como uma das principais motivações para migrar. Nesse sentido, a renda média dos nordestinos era menor que um terço em relação à da população do Centro-Sul na década de 50, evidenciando a desigualdade socioeconômica (GTDN, 1959). Fortifica-se, assim, a tese de Ferrari (2005): “A criação das desigualdades regionais, no Brasil, pode ser encarada como motor principal das migrações internas que acompanham a industrialização, nos moldes capitalistas”.

Com a migração massiva, esse deslocamento geográfico se tornou algo “natural”. Nordestinos começaram a realizar o deslocamento ou por influência das gerações anteriores, ou até mesmo sendo buscados por esses familiares. Adalberto Pereira relata ter sido buscado para ir para São Paulo pelo pai, sem apresentar motivações para fazer a migração (Tabela 2).

Expectativas com a migração

Como apresentado por Gomes (2006), migrantes tinham como principal objetivo a saída da miséria no Nordeste. Baseado nos relatos, atesta-se que as expectativas com o processo de migração eram, em geral, para conseguir melhores condições de vida. João Gomes cita que seu pai e tio migraram para São Paulo com a promessa de conseguir isso. Essa falta de especificidade nas expectativas é facilmente compreendida, visto que, com as extremas condições no Nordeste, ir para São Paulo era uma tentativa de sobrevivência, almejava-se uma melhora em geral.

Ademais, Santos (2021) demonstra que grande parte dos nordestinos migraram para São Paulo visando conseguir empregos. O autor aborda especificamente o deslocamento em massa de paraibanos para as indústrias de automação no ABC Paulista. Essa expectativa com a migração foi apontada em quatro dos dez relatos como a principal motivação (Tabela 2). Eronides: “O outro amigo nosso...falou que ia buscar nossos papéis, pegou as papeladas nossas e foi na fábrica de vidro Santa Maria. Disse que iria arrumar emprego pra nós tudo.”

Por fim, nota-se também que muitos nordestinos realizaram o processo migratório sem quaisquer expectativas. Lucicleide Nunes relata: “Era muito nova. Não tinha como ter planos. O que eu mais queria era vir para cá. O pessoal falava muito de São Paulo. A ilusão, né? De vir pra cá”.

Migração para São Paulo: período inicial

Estrela (1999) demonstra como o fator da falta da escolaridade limitava as opções iniciais dos nordestinos, tanto em relação a trabalhos, quanto moradia. Apenas 20,4% dos nordestinos na Região Metropolitana de São Paulo tinha Ensino Médio concluído (Tabela 5). Assim, Estrela aponta que a maioria dos nordestinos chegava em São Paulo e trabalhava em serviço doméstico ou construção civil, dentre outros serviços que não requeriam formação escolar. Com exceção de Adalberto Dias, todos

os outros nordestinos começaram trabalhando nas chamadas “profissões de baixo prestígio”, como porteiro e ajudante de alfaiate (Tabela 3).

Outro fator que demonstrava a precariedade da chegada em São Paulo são as moradias. Conforme Gomes (2006), a maioria dos nordestinos morava nos cortiços e nas várias favelas da metrópole, por serem as opções acessíveis, sendo exemplificado pelos relatos (Tabela 2). A maioria dos nordestinos se concentraram, principalmente, nas Zonas Leste e Norte. Regiões como a Mooca e Brazilândia se destacaram, por exemplo. João Gomes diz: “... era barraco de madeira mesmo, e foi num desses que a gente morou.” Essa frase é muito emblemática, visto que as expectativas dos nordestinos com a migração giravam em torno de melhores condições de vida, no entanto, essa frase demonstra que o período inicial não permitiu isso.

**Nordestinos constroem casas belas
Ganham pouco fazendo construções
Fazem casas bonitas e mansões
Só não tem é direito a morar nelas
Vão morar nos barracos das favelas
Onde a voz da esperança ecoa um hino
(Lopes, 2012)**

7

Período subsequente em São Paulo

64,6% dos nordestinos na região metropolitana de São Paulo ganhava entre 1 e 3 salários mínimos (Tabela 6). Embora esse dado seja de 2000, ajuda a compreender que os migrantes sempre estiveram em funções de baixa remuneração na Grande São Paulo. Nota-se que muitos nordestinos começaram em trabalhos informais. Sob essa perspectiva destaca-se o caso de Francisco Melo, que viveu de “bicos” por muito tempo em São Paulo. No entanto, muitos daqueles que conseguiram empregos formais relataram condições de trabalho que feriam diversas leis trabalhistas. Seguindo isso, Eronides revela (Tabela 8): “Ficava virado, ficando dois dias sem ir em casa, não podia sair...”. A exploração da mão de obra nordestina mostrava-se clara: de acordo com Schmidt et al. (2009), o salário do nordestino em 1995 correspondia a 71,14% dos paulistas.

Entretanto, Schmidt et al. (2009) apontou que o salário médio dos nordestinos tendia a aumentar à medida que os migrantes permaneciam no estado. Lucicleide Nunes, por exemplo, chegou aos 14 anos em São Paulo, trabalhando como cuidadora, contudo, após muito esforço, abriu seu próprio negócio e relatou: “Conquistei meu espaço. Sou feliz”. Similarmente, alguns nordestinos relataram uma melhora na qualidade de vida. Cloves e Josete, por exemplo, conseguiram matricular suas duas filhas em escolas particulares e posteriormente, as duas se formaram, mostrando que uma ascensão social foi possível. Esse exemplo mostra como o acesso à educação para as seguintes gerações era um dos objetivos dos migrantes (Silveira et al., 2017). No entanto, os relatos apresentados na Tabela 3, apontando a situação atual, mostram como as situações divergem muito. Enquanto alguns apresentam estar felizes e realizados, como Lucicleide Nunes e Ana Ferreira, outros demonstram insatisfação, como Eronides Ferreira.

⁷ Todos os trechos de canções utilizados nessa páginas foram produzidas por Francis Lopes: “Cada Prédio Em São Paulo Construído Tem o Sal do Suor do Nordestino”. A produção foi publicada em 2012.

Considerações finais

Com a análise apresentada, não é possível generalizar se os nordestinos migrantes alcançaram as expectativas com a migração, dada a pequenez da amostra e a diversidade de respostas a esse quesito. Observa-se que as principais expectativas dos migrantes estavam centradas na obtenção de emprego e na melhoria das condições de vida, forçados principalmente pela “indústria da seca”. Como mostraram os dados e apontaram os relatos, grande parte, ou quase a totalidade, desses nordestinos conseguiram emprego, levando, como apresentado na Tabela 3, a muitos terem seus objetivos totalmente realizados. No entanto, conforme apresentado, muitos dos empregos obtidos eram de baixo prestígio e frequentemente associados a condições insalubres. Esse ponto, seguido dos dados que mostram que a maioria dos nordestinos ia morar em locais precários e periféricos, mostra como muitos não alcançaram melhores condições de vida.

Entretanto, evidencia-se por dados e relatos que, ao passar um longo tempo em São Paulo, alguns nordestinos conseguiram certa melhora nas condições socioeconômicas. Com isso, notam-se relatos que indicam melhorias nas condições habitacionais, nos salários e na qualidade de vida. Assim, tendo em vista que as condições de vida eram extremamente precárias no nordeste brasileiro e a principal expectativa com a migração para São Paulo era ter uma melhora nesse ponto, embora a maioria da população nordestina esteja na classe baixa de São Paulo, é possível sugerir que alguns nordestinos experienciaram a conquista da expectativa. Conclui-se que, como uma migração em massa, os nordestinos migrantes enfrentaram distintas situações. Embora se intersectem em diversos dados estatísticos e condições de vida, é impossível determinar se suas expectativas foram total ou minimamente atingidas, devido à falta de pesquisas e evidências que apontem isso.

Finalmente, é importante ressaltar que este trabalho apresenta limitações. Primeiramente, a impossibilidade de obter os relatos de fontes primárias, ou seja, por meio de entrevistas, limitou o aprofundamento dos parâmetros abordados na investigação, impedindo uma análise mais detalhada. Além disso, nota-se uma falta de materiais que explorem a migração nordestina, principalmente de dados sobre esse fenômeno geográfico.

Bibliografia

- Baptista, D. M. T. Nas terras do “Deus Dará”: Nordestinos e suas redes sociais em São Paulo. **PUC**, 1998. p. 324
- Cada Prédio Em São Paulo Construído Tem o Sal do Suor do Nordeste. **Letras.mus.br**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/francis-lobes/cada-predio-em-sao-paulo-construido-tem-o-sal-do-suor-do-nordestino>
- Callado, A. Os Industriais Da Seca e Os Galileus de Pernambuco. **Civilização Brasileira**. 1960
- Dantas, Adriana. EDUCAÇÃO E TRABALHO PARA UM MIGRANTE BAIANO EM SÃO PAULO DOS ANOS DE 1950. **Universidade Federal Fluminense**, 2015.
- Eunice R. Durham. A Caminho da Cidade; a vida rural e a migração para São Paulo. **Perspectiva**. 1984.
- Estatísticas históricas do Brasil: séries econômicas, demográficas e sociais de 1550 a 1988. 2. ed. rev. e atual. do v. Séries estatísticas retrospectivas.
- Ferrari, Monia. A migração nordestina para São Paulo no segundo governo Vargas (1951 - 1954) - seca e desigualdades regionais. **Ufscar**, 2016.

Garson, J.-P; Gaudemar, Jean-Paul. Mobilité du travail et accumulation du capital. **Revue économique**, v. 29, n. 5, p. 963–963, 1978.

Gomes, S. D. C. Uma inserção dos migrantes nordestinos em São Paulo: o comércio de retalhos. **Imaginário**, v. 12, n. 13, p. 143, 1 dez. 2006.

Grupo GTDN. Uma política de desenvolvimento econômico para o Nordeste. **BNDES**, 1959. Disponível em: <https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/17760>

IBGE — INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 1950. Rio de Janeiro: **IBGE**, 1956.

IBGE — INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2000. Rio de Janeiro: **IBGE**, 2002.

IBGE — INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: **IBGE**, 2012.

IBGE — INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censos Demográficos 1980 e 2010. Rio de Janeiro: **IBGE**, 1982 e 2012.

Melo, Maria; Fusco, Wilson. Migrantes Nordestinos na Região Metropolitana de São Paulo: características socioeconômicas e distribuição espacial. **Confins**, n. 40, 2019.

MELO NETO, João Cabral de. Morte e Vida Severina. Rio de Janeiro: **Alfaguara**, 2016

Moura, H. A. de. As variações migratórias no Nordeste: 1940/1970. **Revista Econômica do Nordeste (REN)**. Fortaleza, n. 04, p. 20-97, 1972.

Muniz, Durval. A invenção do nordeste e outras artes. São Paulo: **Cortez Editora**, 2012.

Os braços de quem ergueu São Paulo. **Museu da Pessoa**, 2012. Disponível em: <https://museudapessoa.org/historia-de-vida/os-bra-os-de-quem-ergueu-s-o-paulo/>. Acesso em: 25 de setembro de 2024.

Ramão, I.; Britto, L. Como os nordestinos se tornaram parte fundamental de São Paulo que completa 467 anos. **Agência Mural**, 2021. Disponível em: <https://agenciamura.org.br/especiais/como-os-nordestinos-se-tornaram-parte-fundamental-de-sao-paulo-que-completa-467-anos>.

Santos, Jaime; Thibes, Mariana; DE, Aparecida. Operários nordestinos na Região do ABC Paulista: narrativas de classe e de masculinidades. **Sociedade E Estado**, v. 36, n. 2, p. 693–718, 2021.

Schmidt FILHO, R.; Monte, P. A. D.; Miceli, M. Um estudo comparativo das disparidades salariais entre os migrantes nordestinos e os nativos paulistas no mercado de trabalho em São Paulo. **Revista de Economia**, v. 35, n. 1, p. 31-52, 2009.

Silva, Uvanderson. Velhos Caminhos, Novos Destinos: Migrante nordestino na Região Metropolitana de São Paulo. **UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA**. p. 105, 2008.

Silveira, Adriana; Gouvêia, Andréia; Schneider, Gabriela et al. O direito à educação dos alunos em situação de pobreza: uma problematização das condições de qualidade com base no perfil dos professores. **Research Gate**, 2017.

Um cachorrinho, uma história. **Museu da Pessoa**, 1999. Disponível em: <https://museudapessoa.org/historia-de-vida/um-cachorrinho-uma-hist-ria/>.

Uma visão crítica sobre museus e bibliotecas. **Museu da Pessoa**, 2011. Disponível em: <https://museudapessoa.org/historia-de-vida/uma-vis-o-cr-tica-sobre-museus-e-bibliotecas/>.

Recebido para publicação em 09-09-25; aceito em 04-10-25